
SALVE O REI DO MOVIMENTO: A PERFORMANCE DO CABOCLO NO RITUAL DE UMBANDA

Carina Maria Guimarães Moreira
Orientador: Prof. Dr. Zeca Ligiero

Ainda na infância tive oportunidade de entrar em contato com a Umbanda e seus rituais repletos de ritmos, cantos, danças, estímulos sensoriais, além de mitos e histórias. Desde sempre este universo me chamou muita atenção.

No trabalho de conclusão do curso da graduação em Direção Teatral, na UFOP, propus uma pesquisa de linguagem que utilizasse a cultura afro-descendente. Para tal, iniciei pesquisas a cerca do tronco lingüístico banto e a utilização do Jongo e da Umbanda como ferramentas de criação cênica. A partir dessa pesquisa de linguagem, meu envolvimento com o Jongo e a Umbanda deixou de ser apenas curiosidade, elegendo-os como objetos de pesquisa e trabalho artístico. Tendo escolhido o foco de estudo, encontrei na linha de pesquisa Estudos da Performance a possibilidade de desenvolver o presente trabalho devido ao caráter interdisciplinar da mesma, possibilitando desta forma o diálogo com disciplinas como as ciências sociais e a história.

Da observação do corpo em performance do Caboclo incorporado, é possível compreender elementos de constituição da Umbanda, bem como evidenciar a presença do gesto ancestral africano e o imaginário ameríndio e rural. O Caboclo incorporado assume dois tipos de personagens: O Índio e o Boiadeiro. O Caboclo Índio é o dono da terra, os nativos que aqui se encontravam antes do descobrimento do Brasil. Pode ser apresentado nos dois gêneros, ou seja, a entidade pode ser Caboclo ou Cabocla e, geralmente, suas atuações estão ligadas aos trabalhos de cura, fazendo referência aos antigos Pajés. Já o Caboclo Boiadeiro representa o homem rural, do interior, muitas vezes definido como o sertanejo. Apresenta-se somente no gênero masculino, apenas como Caboclo, e seu trabalho está geralmente ligado ao de guardião, protetor dos trabalhos espirituais.

Ao lançar o olhar, a partir dos Estudos da Performance, a esses personagens, encontramos no corpo, bem como em suas ações performadas, a preservação, através dos tempos, de valores que restauram comportamentos e mitos. A performance como lente metodológica trabalha a partir da leitura desses comportamentos restaurados, que englobam o estudo do corpo e seu comportamento no cotidiano, em festas, rituais e celebrações. Desta maneira o Caboclo na Umbanda, oferece um rico campo de pesquisa, que se configura a partir da comunidade e seus membros participantes.

Tal restauração traz à tona questões que envolvem a idéia de formação de uma nação. Dentre estas, encontramos discursos como o de desenvolvimento de uma nacionalidade e o das raças formadoras desta nação. É traçado dentro do terreiro um verdadeiro projeto Brasil, acredita-se que a Umbanda é uma religião do futuro (como a idéia “Brasil país do futuro”) capaz de aglutinar as diferenças e sintetizar desejos de

diferentes raças, crenças e gêneros. A partir da observação da performance é possível desmistificar alguns elementos pertencentes a esses discursos.

Podemos analisar o Caboclo como uma partitura corporal, englobando o dançar, o cantar, o jogo, a mimeses, a fala etc; além destes, os procedimentos de trabalho também podem indicar uma outra gama de gestualidade e manipulação de objetos e adereços. Observamos um material preservado, arquivado, transmitido oralmente e transformado não só através do tempo, mas pela característica de cada indivíduo que o incorpora. O indivíduo experiente apresenta um personagem completo, com domínio do transe, fala e gestos definidos, conhecimento de pontos cantados, normas de funcionamento e organização de trabalhos espirituais, já o indivíduo em desenvolvimento apresenta um personagem incompleto e deve estar atento e aberto para apreender os conhecimentos necessários. Na Tenda Umbandista Francisco de Assis, pudemos perceber dois níveis de aprendizado: O primeiro nível é o aprendizado pessoal para os saberes coletivos, quando o indivíduo em desenvolvimento deve aprender o funcionamento do ritual; este nível se dá por observação ou orientação dos mais antigos. O segundo nível é mais complexo, ligado a um aperfeiçoamento do instrumental pessoal, trata-se do aprendizado do transe. Essa dinâmica de aprendizado que se processa entre indivíduos experientes e indivíduos em aprendizado ou em desenvolvimento, afirma uma forte característica da cultura oral, o aprendizado através do contato direto e da participação nas sessões ritualísticas e rituais.

É importante levar em consideração que os trabalhos realizados em terreiros de Umbanda podem se diferenciar de casa para casa, desta maneira, para facilitar a compreensão do aprendizado e conduta de um indivíduo, tomamos como base, um estudo de caso, através da pesquisa iniciada no término da graduação quando observamos os procedimentos da na Tenda Umbandista Francisco de Assis. Nesta casa tivemos a oportunidade, através de observação e entrevistas com alguns membros, de levantar questões quanto à dialética contida na fala e defesa de pontos de vista da religião e a prática performativa. Percebemos tanto por parte dos indivíduos mais experientes como dos em desenvolvimento uma grande preocupação em “trazer o guia em terra para trabalhar”, ou seja, com o processo de transe e incorporação. Neste sentido há dois pontos a serem observados:

O primeiro diz respeito ao discurso e conduta de alguns integrantes que trabalham com a idéia do “Espiritismo Brasileiro”. A idéia mais comumente disseminada em relação a Umbanda, tanto na literatura empírica como na científica, é a de que ela seria o espiritismo brasileiro, ou seja, o desdobramento do espiritismo - religião francesa codificada por Allan Kardec - a partir da incorporação de elementos mestiços, no momento em que ele chega ao Brasil. Tal abordagem é fruto de um olhar que foca a Umbanda a partir de sua legitimação como religião, ou seja, que a compreende no interior de um processo de formação de uma religião nacional, afastando-a da cultura africana. Essa idéia é muito disseminada dentro do terreiro estudado, o chefe desta casa iniciou seus trabalhos no Espiritismo, vindo trabalhar posteriormente com a Umbanda, o mesmo ocorreu com outros integrantes, desta forma existe dentro da casa uma orientação forte da doutrina espírita. Assim é comum a recomendação de

livros Kardecistas, já houve a tentativa de instituir cursos para estudos da “doutrina umbandista” ou mesmo cultos de mesa específicos para o trabalho kardecista. Tais práticas como o a leitura de livros específicos, sessões de estudo e cultos de mesa, são práticas relacionadas à doutrina Espírita, que possui um princípio positivista, estimulando entre os participantes o estudo e a aproximação da ciência como forma de desenvolvimento e elevação espiritual. Na prática vimos que os trabalhadores do terreiro em geral não seguem tais recomendações, como já foi dito, a maior preocupação está em trabalhar com os guias. O transe relatado por indivíduos mais experientes causa alteração na consciência a ponto de alguns médiuns saírem dos trabalhos sem saber o que aconteceu durante as sessões. Este fato contradiz a doutrina espírita, que tem como ponto principal a moralização dos membros pertencentes à religião através do estudo e dos ensinamentos, o que ocorre durante as sessões mediúnicas. Na Umbanda, apesar de se pregar o estudo e a moralização do indivíduo, o que vemos na prática é a valorização do guia em terra, colocar-se a disposição para o trabalho dos guias em terra já seria uma forma de conseguir o apoio religioso.

O segundo ponto é quanto à performance propriamente dita, as sessões ritualísticas são repletas de cantos e danças acompanhada por atabaques e palmas. A performance gestual do caboclo incorporado traz uma síntese de práticas que também são preservadas em outras manifestações ritualísticas ou profanas e são exemplos da herança africana em nossa formação cultural. As performances associadas ao ritmo, canto e mimeses são encontradas em diversas práticas como lutas, rituais e danças. Essas práticas que fazem parte do ritual de Umbanda nascem de diálogos e dizem muito sobre nossa formação cultural. Procuramos assim, desenvolver as relações do Caboclo incorporado com as performances Afro-americanas. Frigerio define qualidades da performance artística afro-americana, estas seguem uma linha de pensamento também desenvolvida por outros autores, que:

[...] não ressaltam traços concretos (como Verger ao comparar religião Yoruba na América e na África), mas as estruturas regras, princípios e valores (frequentemente inconscientes) que estruturam a produção de manifestações afro-americanas que seriam equivalentes as que operam na África. (FRIGERIO A. 2003, p.52).

Ao procuramos uma abordagem histórica das práticas religiosas afro-brasileiras, nos remetendo assim ao tempo da escravidão, redescobrimos os cultos que deram forma à Umbanda antes de sua legitimação. Esse outro caminho nos possibilitaria confrontar a idéia da Umbanda como *espiritismo brasileiro*, entendendo e reconhecendo as matrizes africanas, da região central mais especificamente, que dela se aproximam. Vejamos, assim, que podemos pensar a performance do caboclo incorporado e o ritual da Umbanda como um culto que herdou práticas e um conhecimento ou crença anterior, quando as influências africanas – centro-africanas em particular – participavam de forma mais direta na formação de diversos cultos tais como a cabula, ao plano de revolta de 1848, estudados por Slenes (1995), ou ainda aquele associado a Juca Rosa (SAMPAIO, 2000). Associando assim a Umbanda às macumbas do início do século XX.

Outro ponto a ser observado na performance do caboclo, bem como na umbandista diz respeito à visão filosófica africana da ancestralidade. Dentro dos rituais umbandistas as entidades representam espíritos de antepassados. Esta visão engloba a idéia curvilínea do tempo, admitindo no mesmo espaço-tempo a existência de espírito dos vivos, espírito dos que já morreram e dos que ainda estão para nascer.

No caso brasileiro, os ritos de ascendência africana, religiosos e seculares, reterritorializam uma importante concepção filosófica e metafísica africana, a *ancestralidade* que “constitui a essência de uma visão que os teóricos das culturas africanas chamam de visão negra-africana do mundo. Tal força faz com que os vivos, os mortos, o natural e o sobrenatural, os elementos cósmicos e os sociais interajam, formando os elos de uma mesma e indissolúvel cadeia significativa...” (PADILHA, L. 1995, p. 10). A concepção ancestral africana inclui, no mesmo circuito fenomenológico, as divindades, a natureza cósmica, a fauna, a flora, os elementos físicos, os mortos, os vivos e os que ainda vão nascer, concebidos como anéis de uma complementaridade necessária, em contínuo processo de transformação e de devir. (MARTINS, 2003, p.78)

Dentro da visão filosófica da ancestralidade, podemos encarar o culto ao Caboclo como o culto ao ancestral dono da terra. Desta maneira podemos pensar em um princípio, um fundamento africano nas bases da religião umbandista. As bases e influências africanas também representam um vasto campo de investigação. Quando concentramos os estudos na legitimação da religião a abordagem nos conduz a formação de uma religião nacional que se afasta da cultura africana. Artur Cezar Isaia (ISAIA, 2006, p.28-32) coloca que nos primórdios da legitimação da Umbanda a idéia de seus dirigentes era a de constituir uma religião “nacional” e distanciá-la da cultura negra, sendo o primeiro congresso um passo marcante para esse processo. Só na segunda metade do século XX ocorreria o processo de “africanização” da Umbanda. “Reinterpretando aqui a tradição africana capaz de celebrar a diversidade social e cultural brasileira”. (Isaia, 2006, p.28-32). Esta africanização ocorrida na segunda metade do século XX apresenta-se ainda como um ponto a ser investigado na pesquisa sobre o Caboclo na Umbanda. A primeira vista o que encontramos foi uma forte entrada da cultura loruba, seguindo um movimento de busca e recriação de tradições africanas, que encontra na cultura iorubana modelo de autenticidade e purismo africano. Criando-se desta maneira uma soberania da cultura loruba em detrimento da Banto.

Fica claro que a Umbanda apresenta-se como uma religião nada hegemônica, que carrega diversos discursos como de cultura nacional, afro-descendente, espiritismo brasileiro, todas essas designações multifacetadas. Chegamos ao ponto que se iniciam novos questionamentos quanto ao trabalho de pesquisa que aqui começa a ser empreendido. O Caboclo tal qual se apresenta na religião umbandista, traz como característica a construção de um personagem mestiço, além disso, a Umbanda carrega discursos de uma religião sincrética. Tais abordagens, tanto da mestiçagem quanto do sincretismo, caminham em um território perigoso, muitas vezes atacado por se tratar de discursos homogeneizadores, que não dão conta das diferenças contidas em suas partes. Discursos apaziguadores, repletos de preconceitos e ideologias políticas.

Para trabalhar com a figura do Caboclo é preciso enfrentar esse campo movediço e questionarmos a forma e a necessidade de se trabalhar com tais diferenças. Desta maneira o Caboclo na Umbanda se apresenta de forma estratégica, para levantar questões e analisar de forma crítica discursos e práticas performativas culturais pertencente a nossa formação.

BIBLIOGRAFIA

- BRUMANA, Fernando Giobelina e MARTINEZ, Elda Gonzáles. *Marginalia Sagrada*. Trad. Rúbia Prates Goldoni e Sérgio Molina. Campinas-SP: Ed. da Unicamp, 1991.
- CAPONE, Stefania. *A construção da África no Candomblé*. São Paulo, Pallas.
- FRIGERIO, Alejandro. "Artes Negras: uma perspectiva afrocêntrica". In: O PERCEVEJO. Revista de Teatro, crítica e estética. Rio de Janeiro: UNIRIO; PPGT; ET; Ano II, n.12, 2003.
- ISAIA, Artur César. *Longe da África*. Revista Nossa História, Ano 3/ nº. 36. São Paulo: Editor: Vera Cruz. Outubro 2006. (p.28-32)
- LIGIERO, Zeca. *Umbanda: paz, liberdade e cura*. Rio de Janeiro: Record; Nova Era, 1998.
- MARTINS, Leda. "Performance do Tempo e da Memória: Os Congados". In Percevejo. Revista de teatro, crítica e estética. Rio de Janeiro: UNIRIO; PPGT; ET, Ano II, n.12, Pág. 68-83. 2003.
- SAMPAIO, Gabriela dos Reis. *A história do feiticeiro Juca Rosa: cultura e relações sociais no Rio de Janeiro Imperial*. Tese de doutorado. Unicamp. 2000.
- SCHECHNER, Richard. "O que é performance". In: O PERCEVEJO. Revista de teatro, crítica e estética. Rio de Janeiro: UNIRIO; PPGT; ET, Ano II, n.12, pág. 25-50. 2003.
- SLENES, Robert W. "'Malungu, ngoma vem!' África encoberta e descoberta no Brasil". In: Cadernos da Escravatura. Luanda, 1995.
- ___ Anais da XIV Jornadas sobre Alternativas Religiosas en América Latina, Septiembre de 2007.